

**O Artista pelo Artista na Voz do Próprio**

**Francisco Cardoso Lima**

DeCA | UA | FCT | PT

Maio | 2013

*disponível para download (formato PDF) em*  
*[http://www.franciscocardosolima.com/download/o\\_artista\\_pelo\\_artista-manifesto.pdf](http://www.franciscocardosolima.com/download/o_artista_pelo_artista-manifesto.pdf)*

## **Manifesto artístico “O Artista pelo Artista”**

1. O artista deseja ser amado.
2. O artista deseja pertencer.
3. O artista deseja ser reconhecido e legitimado.
4. O artista deseja ocupar o seu espaço.
5. O artista tem a mania das grandezas. O artista é grande.
6. O artista é egocêntrico. O artista é gordo.
7. O artista é assunto de si próprio.
8. Há algo transversal a todos os artistas.
9. Artista, ou se é, ou não se é (e quem não é artista nunca será artista).
10. O artista trata de si. Trata da sua existência. Do seu contexto, do seu espaço, do seu tempo.
11. A arte trata de toda a existência.
12. São todos os indivíduos quem estão em discussão na arte.
  
13. É o artista, o sujeito, o indivíduo, quem está em discussão dentro do atelier.
14. O atelier é essencial (e estruturante). O atelier é o lugar do artista.
15. Não há artista sem atelier.
16. Não há criação artística sem artista e não há objecto artístico sem prática artística.
17. Não há arte sem objecto artístico.
18. Não há esfera artística sem arte.
19. Não há esfera artística sem o objecto artístico, sem o artista, sem o atelier.
20. A obra de arte, o artista e o atelier são o centro da esfera artística.
  
21. O atelier é o lugar do artista. O atelier é o lugar da criação artística. Não há criação artística sem atelier.
22. O atelier é um lugar sem gravidade, um território amoral, um espaço de liberdade.
23. O atelier é um território para todas as possibilidades.

24. Não há atelier sem liberdade (a prática artística é um acto de liberdade).
25. Não há liberdade sem amoralidade (a criação artística é amoral).
26. O artista é livre (o artista é privilegiado). Aceitem o artista como ele é.
27. A liberdade é fundamental para a criação artística.
28. A liberdade é essencial para o artista.
29. A liberdade está na natureza da arte.
30. O atelier é um espaço livre para o exercício da liberdade.
31. O atelier é o lugar do artista.
  
32. (ou) O atelier é transparente,
33. (e) O artista é privilegiado,
34. (e) A prática artística é risco, é erro,
35. (e) O processo criativo um jogo (com regras, e com sorte e com azar),
36. (e) O percurso é um todo maior (é a coisa toda, é a grande coisa),
37. (e) A obra de arte é a consequência, é o fim,
38. (e) A arte é liberdade (a liberdade é um privilégio).
  
39. (ou) O atelier é negro,
40. (e) O artista é feio e mau,
41. (e) A prática artística arde,
42. (e) O processo criativo é sujo, é nojo,
43. (e) O percurso é desvio,
44. (e) A obra de arte é uma ferida,
45. (e) A arte é uma doença. (Ficou escuro. Está tudo preto. É a morte...)
  
46. Entre artistas há um extra de entusiasmo.
47. Os artistas procuram-se.
48. Os artistas são os interlocutores dos artistas (todos procuramos os nossos interlocutores, todos procuramos os nossos amantes).
49. Há cumplicidades entre artistas.
50. Os artistas reconhecem-se uns aos outros.
51. Os artistas compreendem-se uns aos outros.
52. Os artistas legitimam-se uns aos outros.

53. Os artistas mimetizam-se uns aos outros.
54. Entre artistas há um sentimento de pertença, há uma união informal, flexível, leve, forte...
55. Entre artistas não há disciplina, não há ordem, não há corporação, não há um sentimento de classe.
56. O artista é desorganizado.
57. O artista é indisciplinado.
58. O artista é livre.
59. O artista faz o que quer fazer.
60. O artista é privilegiado. Ponto.
  
61. No início, o grupo é fundamental para o artista.
62. No fim, o percurso do artista é solitário.
63. O artista acaba só (o artista é o lugar de si próprio).
64. O artista é sozinho, solitário, triste.
65. A prática artística é solitária.
66. O artista está na sombra.
67. O artista arrisca, interfere, transforma, destrói, cria.  
O artista cria-se a si próprio (cria-se com tudo).
68. A arte é um espaço para a revolução (o artista é revolucionário), é um território para a liberdade.
69. O artista é livre (e privilegiado).
70. O artista é generoso. O artista é muito generoso.
  
71. A arte foge à burocracia (a burocracia é lenta como a razão).
72. A arte escapa à ciência (não há hipóteses que pretendem ser provadas, não há leis que pretendem substituir outras leis).
73. A arte não é quadrada.
74. Arte é liberdade. Viva a liberdade!
  
75. Discurso é poder (e os artistas têm relações de poder precárias com o meio artístico).
76. Há artistas que têm um discurso.
77. Há um discurso de artista.
78. Há artistas que têm um discurso que não é o seu.
79. (e) há quem retoque o discurso do artista. Há discursos aldrabados.
80. (e) há artistas que retocam o seu discurso. Há artistas aldrabões.

81. Há artistas que disfarçam o seu discurso.
82. Há artistas que não têm um discurso.
83. Há artistas que não têm nada a dizer.
84. Há artistas que têm um discurso teórico/crítico/reflexivo próprio.
85. Há artistas que escondem o seu discurso.
86. Há artistas que preferem o silêncio (os silêncios dos artistas são muito importantes).
87. Há artistas que não falam (e artistas que falam muito e artistas que falam pouco).
88. Há artistas que têm medo de dizer. Há medo no discurso dos artistas.
89. Os artistas contradizem-se. Os artistas dizem aquilo que não querem dizer. Os artistas dizem aquilo que outros querem que eles digam. Os artistas dizem aquilo que julgam que os outros querem que eles digam — e mimetizam o discurso dos outros. Os artistas não sabem o que dizem.
90. Não se deve dar muita importância àquilo que os artistas dizem (o discurso do artista, as palavras do artista, a voz do artista, são um bônus, são um extra).
91. Os artistas devem ser ouvidos. Os artistas têm mais a dizer do que aquilo que dizem.
92. Em Portugal não há pensamento, reflexão ou discussão sobre arte. Em Portugal não há um discurso histórico, teórico ou crítico sobre arte. Em Portugal há bitolas a usar, modelos a seguir e padrões a replicar na construção de um discurso sobre arte.
93. Há medo na arte portuguesa.
94. Em Portugal há uma uniformização da prática artística. Em Portugal há uma normalização das obras de arte. E os artistas portugueses sabem-no bem (e os artistas portugueses cumprem o seu papel).
95. O artista não é um historiador, um teórico, um crítico de arte ou um filósofo.
96. O artista não é um curador, um comissário, um galeirista de arte ou um *'dealer'*.
97. O artista é livre. Aceitem o artista como ele é.

98. Os artistas são imprescindíveis (para a compreensão da coisa artística).
99. Os artistas são insubstituíveis (para a compreensão da coisa artística).
100. É necessária uma reflexão sobre o estado da arte, centrada no artista, a partir do artista.
  
101. Não há mecanismos para veicular a voz do artista, para aferir a sua relevância, para sedimentar a sua legitimação, para valorizar o seu discurso.
102. (mas) A voz do artista é considerada no mundo da arte.
103. Os artistas reconhecem, validam, legitimam os seus pares.
104. Os artistas cumprem o seu papel
105. Os artistas cumprem o papel dos outros agentes da esfera artística.
106. A Esfera Artística não pensa no artista. Quem pensa no artista é o artista, é o outro artista.
107. A Esfera Artística serve o museu, a galeria, o curador, o comissário, o galerista, o crítico de arte, o público, o artista.
108. As estruturas de avaliação, reconhecimento e legitimação são problemáticas.
109. (e) Há artistas comprometidos.
110. O artista confunde-se com os outros agentes da esfera artística.
111. (ou) Não há diferença entre os artistas e os outros agentes da esfera artística.
  
112. O mercado da arte é um jogo feio e mau.
113. O artista sabe jogar mal.
114. O artista não quer ser feio.
115. O artista é feio e mau.
116. Tudo é feio e mau.
117. Não há maus artistas. Há artistas feios.
  
118. O historiador de arte não é um curador artístico.
119. O curador artístico não é um comissário artístico.
120. O comissário artístico não é um galerista de arte.
121. O galerista de arte não é um crítico de arte.

122. O crítico de arte não é um artista.
123. O artista é o professor, o investigador, o teórico, o historiador, o comissário, o curador, o crítico, o galerista, o produtor, o secretário, o técnico, o moço de recados e o mau artista.
124. O artista cumpre o seu papel. O outro não cumpre o seu papel. O artista cumpre o papel do outro.
125. Fora o mercado da arte!
126. Abaixo os museus e as galerias de arte!
127. Não ao galerista, ao comissário e ao crítico de arte!
128. Outra Esfera Artística, já!
129. Viva o artista!
130. Os artistas não são extraordinários.
131. Há artistas desonestos e falsos, há máscaras, brechas e buracos. Há artistas rotos.
132. Os artistas (alguns artistas, vários artistas, muitos artistas, todos os artistas) são maus.
133. Há artistas feios (tudo é feio e mau).
134. Há artistas infelizes (e inseguros e frágeis).
135. O artista quer ser feliz, quer ser criança. O artista quer ser o herói.
136. O artista quer participar, quer ser ouvido, quer pertencer, quer ser considerado.
137. O artista quer ser amado.
138. (e) Há artistas mal-amados.
139. O artista tem medo de morrer.
140. O objecto artístico liberta o artista.
141. Mais do que o artista importa o objecto artístico.
142. Mais do que o discurso, importa a obra.
143. (e) Mais do que os manifestos artísticos são importantes os objectos artísticos.
144. Mais do que a obra, importa a prática.
145. O artista é a sua prática. A sua prática é a sua obra. A sua obra é o artista.
146. O objecto é coisa. O objecto artístico é narrativa. O objecto artístico é a Narrativa (aqui e agora).
147. A Grande Narrativa é o processo, o percurso, a âni-  
ma, o desejo, a ferida, o nó, o motor. O motor é o

artista. O artista é a Grande Narrativa (hoje e em qualquer lugar).

148. A Metanarrativa é todos os artistas (em qualquer lugar e sempre).
149. A Grande Metanarrativa é coisa da espiritualidade. A espiritualidade é a Grande Metanarrativa (é toda a humanidade, é tudo).
  
150. Sempre existiu a Grande Metanarrativa, sempre existiu a espiritualidade.
151. Sempre existiram Metanarrativas, sempre existiram obras de arte.
152. Sempre existiram Grandes Narrativas, sempre existiram artistas.
153. Existem narrativas, existem obras de arte.
  
154. Existe o artista.
155. Viva o artista! Viva! Viva! Viva!